



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

TAYLANE CRISTINA DO NASCIMENTO DAMASCENO

**RELAÇÃO DA LINGUAGEM E HIERARQUIA ENTRE OS MEMBROS NO
TERREIRO DE CANDOMBLÉ**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

TAYLANE CRISTINA DO NASCIMENTO DAMASCENO

**RELAÇÃO DA LINGUAGEM E HIERARQUIA ENTRE OS MEMBROS NO
TERREIRO DE CANDOMBLÉ**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a ser utilizado como diretriz para a manufatura do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

TAYLANE CRISTINA DO NASCIMENTO DAMASCENO

**RELAÇÃO DA LINGUAGEM E HIERARQUIA ENTRE OS MEMBROS NO
TERREIRO DE CANDOMBLÉ**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a ser utilizado como diretriz para a manufatura do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 26/03/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dra. Jucélia dos Santos (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me permitido chegar a esse momento da minha vida. Também aos meus familiares que acreditaram no meu potencial, me motivaram e não permitiram que eu desistisse dos meus sonhos. Quero também, aqui, agradecer imensamente às minhas colegas Helen Botelho e Silvia Diana, por terem me dado forças e por acompanharem, todo esse tempo, a minha insistência na elaboração deste projeto.

Ao meu orientador, Denilson Limas Santos, por me cobrar a todo momento e por acreditar que eu fosse capaz de realizar essa pesquisa com muita dedicação. Não posso esquecer de agradecer também a esse grande professor que me ajudou bastante tanto nas suas aulas como também com algumas leituras referente a este trabalho em particular (Marlon Marcos Vieira). Agradeço também a minha prima Julyane Sâmara do Nascimento, por estar sempre comigo nesses momentos de elaboração do projeto, sua ajuda foi de grande importância para que esse trabalho final pudesse acontecer de fato.

Agradeço também a minha mãe de santo, Taniria do Nascimento, e todos os meus irmãos de axé, por terem permitido que as suas experiências fossem compartilhadas para o meio acadêmico, através deste trabalho.

E a minha maior gratidão aos orixás, por me proporcionarem uma outra compreensão de mundo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	ESTADO ATUAL DO TEMA	7
2.1	CONTRIBUIÇÃO DOS NEGROS NA FORMAÇÃO DO BRASIL	9
2.1.1	Candomblé no Brasil	10
2.1.1.1	<i>Linguagem e hierarquia no terreiro</i>	12
2.1.1.1.1	Linguagem	12
2.1.1.1.2	Hierarquia	13
3	JUSTIFICATIVA	15
4	OBJETIVOS	16
4.1	GERAL	16
4.2	ESPECÍFICOS	16
5	PROBLEMATIZAÇÃO	16
6	HIPÓTESES	17
7	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
8	METODOLOGIA	20
9	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação será explanada no formato de projeto de pesquisa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades no Instituto de Humanidades e Letras -IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

O ponto principal desta pesquisa é como se dá a linguagem e hierarquia entre os membros do terreiro Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê de Unzambe, localizado na cidade de São Francisco do Conde. O trabalho tem o objetivo de verificar como essa relação se dá entre os membros do terreiro.

A linguagem é uma forma naturalizada do ser humano, que permite a cada indivíduo mostrar e explanar algo, através de símbolos e suas trajetórias, tendo também a capacidade de ter e manter a ordem através da comunicação. Segundo Bagno, a “linguagem é todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar sua faculdade de representação da experiência /conhecimento” (BAGNO, 2014 p. 28). Sendo assim vista como um dos modos de interação entre povos.

Já em relação a hierarquia, os autores George e Vera falam que “A hierarquia, em qualquer setor da sociedade, define indivíduos com capacidade para liderar e assim ajudar um conjunto de pessoas a conviver pacífica e harmoniosamente em um mesmo local” (KILEUY, & OXAGUIÃ, 2009, p. 54). Para que desta forma haja sempre o equilíbrio.

A nossa pesquisa se torna relevante no momento em que a sua produção irá colaborar no entendimento de como esses dois assuntos citados anteriormente se dá entre os membros do terreiro; até aqui existe um consenso entre os pensamentos que foram mencionados pelos os estudiosos aqui citados. Também terá uma importância no meio acadêmico, tendo em vista que objetiva ser utilizado futuramente como material de aprendizado para que este sirva como pesquisa sobre o tema, afim de compreende-lo na esfera religiosa e também cultural.

Salientamos que não houve muitas dificuldades no decorrer das investigações bibliográficas, mesmo havendo uma escassez de pesquisas que fazem estudos do problema aqui proposto por esse projeto. Ao longo da elaboração do nosso trabalho examinamos algumas obras que fazem menção sobre a linguagem e hierarquia, mas são poucos que insinuam a linguagem e hierarquia dentro do mesmo espaço o qual a nossa averiguação defende (como se dá essa relação entre os membros do terreiro).

Além da investigação bibliográfica já citada acima, também usaremos um outro meio que é a pesquisa de campo, com entrevistas informais, com alguns dos membros, e também pelas observações feitas. Através desse processo, iremos escutar pessoas de extrema importância que irão esclarecer a nossa dúvida, com a intenção de nos ajudar a atingir o objetivo da nossa averiguação.

A organização deste trabalho mostra as divisões comuns que devem delinear num projeto de pesquisa de nível acadêmico estabelecido pelo colegiado do curso de Bacharelado em humanidades da UNILAB. Dentre os componentes que consistem no nosso trabalho ressaltam-se: introdução, estado atual do tema, justificativa, objetivos (geral e específicos), problematização, hipóteses, fundamentação teórica, metodologia, cronograma, referências bibliográficas.

2 ESTADO ATUAL DO TEMA

O tráfico negreiro no Brasil durou quatro séculos, mas, ainda sim, é difícil afirmar uma data específica da inserção dos escravos africanos no país. A motivação do tráfico no Brasil ocorreu pela produção de cana-de-açúcar e a falta de mão-de-obra para a lavoura, e logo mais tarde, para se trabalhar nas minas em buscas de riquezas com a escassez de indígenas que faleciam ou então eram protegidos pelos jesuítas, criou-se então esse comércio de escravos claro com o continente africano, Nesse sentido o autor Nei Lopes fala que:

“País dos Negros”. [Foi] então que se iniciou, nas concepções de alguns estudiosos, o ponto de partida da variedade do “tráfico de escravos para a Europa”: a mesma em que os colonizadores de forma genuína e de maneira facilitada aprisionavam negros, como se estivesse prendendo uma espécie irracional (LOPES, 2008, P. 41).

Já Rodrigues (2008) demonstra, “Portanto, a escravidão negra no Brasil é contemporânea à sua colonização, e ela manteve, nos primeiros tempos, a aparência portuguesa de fenômeno secundários, restrito ao serviço doméstico”. Então, nessa perspectiva de Rodrigues, fica claro que a escravidão no Brasil é considerada coexistente à sua dominação e que, mesmo assim, conseguiu (nos tempos iniciais) se manter com a fisionomia colona, ainda sendo entendida como um fato inferior fechado ao ofício do lar. No entanto, sabe-se que ela não só se ateu a serviços realizados em casas, mas também nas lavouras que rodeavam essas instalações (RODRIGUES, 2008, p. 27).

Lopes assegura que: “foram os europeus que introduziram essa forma aviltante de escravidão, na qual o homem era transformado em coisa (e nunca sujeito) de direitos e obrigações, em mercadoria valorável economicamente, podendo até ser dado em garantia hipotecária” (LOPES, 2008, p.42). Partindo dessa análise do autor, fica evidente que os colonizadores foram alguns dos culpados em transpor a escravidão de maneira tão bárbara, onde o negro era modificado e passava a ser visto no lugar de objeto e, de maneira alguma, sujeitos pensantes, capazes de exercerem seus direitos e obrigações como indivíduos, sem falar que os mesmos eram também remodelados; e, desta forma, estes possuíam um grande valor econômico, podendo até mesmo serem oferecidos como uma forma de asseguaração.

Dentre os grupos que foram forçados a participarem desse comércio detestável, podemos destacar então os Bantos e Sudaneses. Os Bantos, no entanto, eram grupos dos quais fazem parte os angola-congoleses e os negros Moçambique, localizados no país angolano, no Congo, no Zaire e em Moçambique. No país brasileiro, foram obrigados a exploração escravista, sendo distribuídos pelos mercados escravos da cidade de Pernambucano, Alagoas, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro e São Paulo. Já os sudaneses são pessoas de origem nigeriana, do Daomé e Costa do Ouro, onde os Iorubas ou Nagôs, Jêjes, Fantis-Ashanti faziam parte. Os Fulas ou *Falanis*, Mandingas, Haussas e Tapas – que foram islamizados eram direcionados para os mercados baianos – eram guineanos-sudaneses. Nesse sentido Prandi diz que:

Os sudaneses constituem os povos situados nas regiões que hoje vão da Etiópia ao Chade e do Sul do Egito a Uganda mais ao norte da Tanzânia”. Já os Bantos, eram os “da África Meridional, estão representados por povos que falam entre 700 e duas mil línguas e dialetos aparentados, estendendo-se para o sul, logo abaixo dos limites sudaneses, compreendendo as terras que vão do Atlântico ao Índico até o cabo da Boa Esperança. O termo ‘banto’ foi criado em 1862 pelo filólogo alemão Willenlm Bleek e significa ‘o povo’, não existindo propriamente uma unidade banto na África. (PRANDI, 2000, p.52-65).

Partindo desta perspectiva, “bantos” e “sudaneses” são descrições vagas e inconsistente, que foram fabricados no cenário da posse colona da África e dos seus indivíduos. No entanto, sabe-se que os povos bantos eram grupos que compartilhavam coisas similares em seus interiores e, por isso, foram denominados com essa terminologia. Porém, alguns estudiosos que se dispuseram a analisar o negro brasileiro só o fizeram a partir de um olhar voltado para o exterior, isto é, eles não se preocupavam em dar uma explicação que fosse capaz de entender a ideia de ser banto e ser sudanês, sem que conseguissem evidenciar os vários cenários históricos no qual os bantos foram trazidos para o país brasileiro.

2.1 CONTRIBUIÇÃO DOS NEGROS NA FORMAÇÃO DO BRASIL

Os africanos que aqui chegaram expressavam-se através de dialetos crioulos na tentativa de conseguirem uma comunicação num local em que, nem os senhores dos engenhos nem os jesuítas, se preocupavam em tentar criar formas de comunicações; sendo assim, foram proibidas essas maneiras de falar dos escravos africanos. Criou-se então outros dialetos nas senzalas e nas minas, que sofreram alterações pelos senhores, por temerem revoltas apoiadas no entendimento da força linguística e, assim, essa forma foi obrigada a desaparecer. “Não deixariam de influenciar largamente a língua rural do Brasil, principalmente nos aspectos do conservadorismo, tais como alterações na flexão”, (PÓVOAS, 1989, p.7) No entanto, os negros escravizados não desistiram de encontrar maneiras em se comunicarem.

É importante ressaltar que as negras e os negros escravizados utilizaram outras maneiras variantes de falar (conhecidos como dialeto-de-santo), que são visivelmente linguagens religiosas transformadas na tentativa de manter ativa suas tradições, culturais e também religiosa. Diante dessa realidade, Póvoas (1989) entende que a língua que é falada por estes negros foi forçosamente obrigada somente nos locais de convivências entre eles mesmos, não era permitido pelos senhores em outros lugares.

Da mesma maneira que sobrepujou os falares indígenas, a língua portuguesa também o fez em relação aos dialetos africanos. Fatores sociolinguísticos contribuem largamente para a supremacia do português. Tanto os filhos como os netos de escravos, embora criados na senzala, aprenderam melhor os mecanismos da língua portuguesa, uma vez que tiveram contato com eles ainda criança (PÓVOAS, 1989, p. 8).

Diante disso, é perceptível que mesmo sendo renegada e escondida nas senzalas, onde essas não eram consideradas como língua importantes pelos senhores, ela sobreviveu e, como era esperado, influenciou e continua influenciando na língua brasileira, resistindo num ambiente que, através das formas estratégicas feitas dos falantes, continuam persistindo nas áreas religiosas, principalmente nas afro-brasileiras. Nesse sentido a autora Yeda (1997) fala que:

É notável o desempenho sociolinguístico de uma geração de lideranças afro-religiosas que sobreviveu a toda sorte de perseguições e é detentora de uma linguagem litúrgica de base africana, cujo conhecimento é veículo de integração e ascensão na hierarquia sócio - religiosa do grupo, porque nela se acha guardada a noção maior de segredos dos cultos. (PESSOA, 1977, p. 49-64).

Alguns grupos linguísticos possuíram presenças mais fortes que outros no país. Dentre eles se encontram o *quimbundo*, *iorubá* e *ewe*. Nos dias atuais percebe-se grande utilização do léxico no candomblé, principalmente naqueles de origem banto, nagôs e jêjes. Nesse sentido Lopes afirma que:

Dentro do quadro da presença afro-negra no Brasil, verifica-se - e este é o ponto central do nosso trabalho - uma predominância das culturas bantas, que colaboraram para a formação da cultura brasileira principalmente através de suas línguas, como sejam, o Quicongo, o Umbundo e basicamente o Quibundo (LOPES 2008, p.197 a 198).

No entanto, ainda existe muitas dificuldades em aceitar a grande atuação dos negros africanos na formação da língua brasileira. Isso acontece, pois ainda persistimos em desconsiderar fatos que estejam relacionados com o continente, e é evidente que essa contribuição negra africana se faz bastante presente no Brasil, na linguagem, danças, músicas, performances, culinária, e principalmente na religião.

2.1.1 Candomblé no Brasil

Chama-se de candomblés religiões oriundas da África, moldadas no interior de uma estrutura social brasileira, que, na sua maioria, é caracterizada pela possessão em alguns adeptos e também pelos processos de iniciação.

Não se pode dizer que o candomblé é uno, pois existem vários no país. Os que se originou no Brasil, como instituições voltadas para o campo religioso, certamente bate de frente tanto na área religiosa como também nas questões sociais e, principalmente, na política isso ocorre porque os seus procedimentos ritualísticos são investidos de uma organização e uma funcionalidade, conseguindo extrair meios culturais que advém de lugar distante no tempo.

Os candomblés, tiveram influências de outros grupos culturais e religiosos da África e de vários lugares do Brasil. Nesse sentido, Negrão fala um pouco dessa junção:

Além disso, muitos dos descendentes de negros e índios criaram cultos sincréticos, em que o catolicismo coexiste com crenças e práticas que lhes são estranhas, como o candomblé baiano (e outros cultos afro-brasileiros assemelhados) e as pajelanças do norte e nordeste do Brasil (NEGRÃO, 2008, p.6).

Então conforme Negrão, fica claro que, apesar de serem proibidas as práticas religiosas pelos senhores de escravos e pelos padres católicos, os negros escravizados conseguiram, de

alguma forma, quebrar essas barreiras, dando uma ressignificação nos seus cultos, colocando os seus objetos considerados sagrados, em baixo da terra para colocar por cima os santos da igreja com semelhanças parecidas aos seus. Essa era uma forma deles continuarem cultuando suas divindades juntamente com os santos católicos, e foi desta maneira que se deu origem ao processo do sincretismo entre as religiões.

Já Silva fala que “os sacerdotes católicos (padres) optavam em aceitar as explicações dos negros quando estes falavam que os “batuques” eram uma espécie de louvor aos santos da igreja, e eram realizadas por eles na sua língua de origem e com as performances corpóreas de seu território natural, como forma de homenagem e agradecimento” (UMBELINO, 2007, apud SILVA, 1994, P. 34). Contudo, as reconstruções da África não só deram oportunidades aos povos originários da comunidade banto praticarem seus ritos, mas também facilitaram a abertura para as outras etnias, que vieram tempos mais tarde para o Brasil, realizarem a sua religião ancestral. Tais etnias (especialmente iorubas e fons) sofreram de forma significativa uma interferência cultural e linguística do grupo banto, sobretudo no sentido cultural, por conta da relação com o sincretismo combinado com a igreja e com as religiões indígenas, e linguística, por meio de emprego de palavras significativa a ritualística; a exemplo disso, a própria denominação da religião: Candomblé.

Em resumo, o candomblé pode ser considerado notavelmente um pedaço do continente africano que foi transferido para o Brasil e, numa reescrita, almejou uma composição hierárquica sócio religiosa, incluída em uma realidade afro-brasileira, no qual a pessoa considerada mais importante é a zeladora (mãe de santo) ou zelador (pai de santo), tendo como características primeiras a possessão das entidades e, ou, divindades em seus discípulos ou naqueles que possuem o privilégio da incorporação.

Neste contexto afro-brasileiro, existe um agrupamento linguístico que difere as variedades de candomblés existentes e, mesmo os cultos sendo bastantes similares em sua organização, cada um deles veneram suas divindades em sua língua particular, que ficou conhecida como *língua de santo*, no qual as pessoas que falam se denominam filhos de santo. Então, o candomblé também pode ser visto como uma filosofia de vida e modo civilizatório.

2.1.1.1 Linguagem e hierarquia no terreiro

2.1.1.1.1 Linguagem

Os adeptos dos candomblés no Brasil receberam dos africanos várias coisas que contribuíram para a formação da cultura brasileira; dentre elas, podemos destacar: Os sabores que estão presentes nas comidas; as cores presentes nas indumentarias; os gestos presentes nas danças, expressões corporais e sons que também geram metades dos conhecimentos vividos e que foram passadas entre os diversos e distintos grupos afro-brasileiros.

Como forma de resistência, os escravizados africanos encontraram na linguagem um jeito de estabelecer de maneira elementar os direitos do ser humano, o de tentar se expressar, e para saber como isso se dá num terreiro deve-se ter um entendimento prévio do que é linguagem. Na concepção de Marcos Bagno “Linguagem, faculdade cognitiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar/ expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento” (BAGNO, 2014, p. 28). Então conforme Bagno, fica entendido que linguagem é a capacidade mental do homem, que facilita a cada ser humano demonstrar e manifestar metaforicamente suas vivências, podendo também obter, organizar, realizar, e, através da informação, gerar sabedoria para que assim o entendimento entre todos ocorram com fluidez.

Já alguns membros do terreiro como a *Yalaxé* (*pessoa de confiança da mãe de santo*) dizem que:

A linguagem é uma estratégia do ser humano, numa tentativa de se comunicar com seus companheiros de escravidão, desejos e emoções, sendo que a gente de axé sempre expressamos nossas história através das várias formas de linguagem que existe, e também a usamos entre os nossos, para que assim consigamos nos entender de maneira bem clara (VALDELICE, 2018).

Nessa perspectiva, a relação da linguagem no terreiro é relevante não só pela comunicação, mas também pela manutenção do axé.

Já a *Yabassé* (responsável pela comida dos orixás) diz que a linguagem para ela é “transferências de todos os significados dos nossos ancestrais, por meio das histórias que esses viveram em seu tempo e que de algum jeito nos mostrou que existe um grande acervo de conhecimentos africano que nos pertence” (Itania do Nascimento, 2018).

Diante dessas perspectivas, compreende-se que a linguagem é algo de extrema importância numa casa de candomblé, pois esta é encarada, pelos pertencentes do terreiro, como

uma instituição pela qual os indivíduos tendem a comunicar-se e interagirem entre si, através de expressões casuais, orais e auditivas, que são utilizados habitualmente neste contexto religioso.

Enfim, a linguagem pode ser observada em todos os aspectos no candomblé, principalmente na forma oral, onde este modo de conhecimento é transmitido no cotidiano das pessoas pertencentes à religião. Ela também pode ser entendida na gestualidade, cânticos e divisão das atividades exercidas por cada membro. No entanto, os falantes das línguas sagradas não são os primeiros a utilizarem um código especial nesse tipo de comunicação.

2.1.1.1.2 Hierarquia

No terreiro de mãe Taniria, as relações de poder são consequências do respectivo sistema religioso, onde o poder maior está reunido na imagem da mãe de santo e, ao mesmo momento, é fluído entre os participantes no formato do saber oral que ocorre cotidianamente. Então, nota-se que o poder é algo que se desenvolve nas múltiplas relações dessa instituição.

É nítido que o candomblé possui uma hierarquia considerada bastante firme. Isso, de alguma forma, simplifica a distribuição dos cargos e, assim, facilita que o ritmo do terreiro ocorra com mais tranquilidade. A hierarquia possibilita também que os zeladores se concentrem majoritariamente as entidades e as atividades de dirigentes e governantes do axé do terreiro.

Os autores Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã falam que “O conhecimento no candomblé é primeiro **aprendido** para depois ser **apreendido** e, muito depois, **entendido**. Todos estes vocábulos juntos se resumem em hierarquia!” (KILEUY, e OXAGUIÃ, 2009, p.54). Com base nessa perspectiva dos autores, fica evidente que hierarquia é um tipo de organização onde, em primeira instância, se faz necessário que os adeptos da religião a conheça através do conhecimento que, neste caso, é produzido pelas experiências vividas. Em seguida, é necessário entender como ela acontece e o porquê ela acontece, para que a mesma seja realmente compreendida nesse contexto.

Nessa casa de candomblé em particular, é perceptível que a hierarquia possui uma gradação, onde, evolutivamente dentro do candomblé, se origina pelo *abiã* (pessoa que ainda não está totalmente ligado a religião, mas é um forte candidato para sua entrada nela; ainda, a mesma se encontra no lugar de teste, sendo seguida pelos *iaôs*). Esses são a base da escala hierárquica. Depois vem os *ebomis*, considerados os irmãos de santos mais velhos que possuem um valor especial entre todos os outros, porque é entre eles que há a escolha, por parte da mãe

ou pai de santo, para ser o seu substituto ou a permissão para que esse *ebomis* possa abrir seu próprio terreiro. Em seguida, os *ogãs* estes não são incorporados pelas as entidades ou, como se diz no terreiro, “não rodam no santo”, eles ajudam na manutenção do terreiro, tocam, cantam, etc. As *equedes* são encarregadas de auxiliar a mãe de santo nos rituais, e também são consideradas as pessoas de confiança do terreiro. Já no topo da escala encontra-se a *yalorixá* ou *babalorixá*, que possuem o maior poder dentro do terreiro, pois é através deles que existe um andamento de tudo dentro dessa organização; eles passam por todos os ritos para tornarem-se zeladores mais tarde.

Outro ponto importante sobre a hierarquia é a maneira como o adepto a interpreta. Segundo Mãe Taniria a “hierarquia, não libera ninguém das tarefas, ela só nos permite marcar alguns espaços onde todos devem atuar, ela é a nossa base organizacional, onde produz uma ordem. E ela é importante pois permite demandar atividades e atribuições dentro da casa” (2018). Partindo dessa análise e das observações feitas, a hierarquia é necessária entre os seguidores do candomblé, pois ela não só mantém a organização, mas também é um dos alicerces que encaminham todos para a sua evolução dentro da religião.

O *babalaxé* (pessoa responsável por manter o terreiro em ordem; também encarregado de cantar as músicas e tocar os instrumentos para que os orixás se façam presente nas cerimônias) diz que hierarquia.

É uma maneira de aprontar pessoas para a conservação de uma forma de vida. Dentro do nosso meio possui um sentido importante para nós, e, acredito que o iaô de hoje caminha para ser uma *yalorixá* ou *babalorixá* no futuro, no entanto, esse caminhar deve ser seguido com muita sabedoria, mais para que isso aconteça é necessário que ele tenha conhecimento dos meios das muitas etapas existentes da hierarquia, para que assim tenha a capacidade de poder passar adiante tudo que aprendeu (LEANDRO,2018).

Diante disso ressalta-se que para uma perpetuação dos conhecimentos aprendidos no terreiro, os adeptos precisam conhecer várias fases existentes dentro da religião.

Já o axogum (responsável pelo sacrifício dos animais) disse que, por ser o mais velho dentro do terreiro e por ter vivido tantas coisas, acredita que:

hierarquia se dá principalmente com base em todos os ensinamentos durante a jornada dentro de uma determinada casa de candomblé, porque esta pessoa possui toda a experiência. Já viu um pouco de tudo e, pode ser considerada sim com bagagem ancestral para poder passar seus conhecimentos para aqueles que chegam depois (LUIS,2018).

Enfim, foi bastante perceptível nas investigações feitas a importância que se tem a linguagem e hierarquia dentro de um terreiro, principalmente nesse. Contudo, vale ressaltar que tanto a linguagem quanto a hierarquia ocorrem entre todos os pertencentes do terreiro, com o intuito de mostrar que existe um acervo linguístico e de graus de hierarquia diferente dos vários modelos de candomblés; mesmo que sejam semelhantes em muitos aspectos, cada um possui sua linguagem e hierarquia particular.

No terreiro Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê de Unzambe isso se apresenta de uma maneira exclusiva ao seu modo de organização. No entanto, esses dois assuntos são vistos como algo necessário para que haja o bom funcionamento do terreiro, onde todos encontram-se conectados para o crescimento e fortalecimento da religião.

3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho torna-se relevante porque busca entender a relação da linguagem e hierarquia entre os membros do terreiro de candomblé Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê de Unzambe. Este trabalho é importante e significativo em diferentes aspectos, tais como: acadêmico, social e político. No âmbito social por exemplo, contribuirá para provocar mais discussões e reflexões acerca do tema, tentando encarar esse assunto como aquele que merece ser tratado de maneira séria e propagadora de diversidade para a sociedade. Este trabalho aparece precisamente neste contexto, com o objetivo de criar análises para entender essa linguagem e hierarquia dentro de uma determinada casa de candomblé.

A linguagem e hierarquia dentro de um terreiro de candomblé são assuntos pouco debatidos, não só nas comunidades que praticam a religião como também no meio acadêmico. Este projeto, futuramente, servirá de auxílio para pesquisas que estejam associadas ao tema e poderá servir como material didático para estudos no terreiro, visto que não há escritos acadêmicos que discutam o assunto nesse terreiro em particular.

O interesse pelo tema surgiu a partir de contatos com alguns participantes do terreiro que, na maioria, fazem parte da mesma família sanguínea. Outro motivo que me incentivou a querer estudar o tema em especial, foi tentar compreender como essas temáticas estão inseridas no contexto do candomblé, já que faço parte dessa religião afro-brasileira e também tentar manter vivas as características culturais e espirituais da religião que aos poucos vem se perdendo por

vários motivos, entre eles destaca-se: o não reconhecimento dos povos africanos na formação do Brasil.

4 OBJETIVOS

Os objetivos se complementam tanto nas esferas religiosa, como também nas culturais, pois eles propõem uma análise bastante particular de uma compreensão de modo de vida de um determinado grupo religioso. Nesse caso, em especial, esses objetivos estão divididos da seguinte maneira:

4.1 GERAL

Analisar como se dá a relação da linguagem e hierarquia entre os membros do terreiro Zaze Mavuluquê de Unzambe.

4.2 ESPECÍFICOS

- Conceituar os termos linguagem e a hierarquia no contexto do candomblé;
- Verificar os elementos de herança das línguas africanas;
- Estabelecer a relação dos membros entre a linguagem e hierarquia dentro do terreiro, observando sua repercussão internamente.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Após algumas leituras sobre a relação da linguagem e da hierarquia, percebe-se que, no meio do contexto religioso e dos indivíduos da religião afro-brasileira, há diferentes argumentos no que se refere a tal relação; se ela é algo pertencente ao candomblé ou um hábito rotineiro de alguns grupos em diversos locais na cidade.

Nessa vertente, uns acreditam que essa relação é algo bastante importante para a religião afro-brasileira, na qual todos adeptos seguem sem questionamentos. No entanto, existem aqueles que compreendem que esse modo não está necessariamente conectado com as práticas

religiosas e as crenças do candomblé, mas que se trata sim de uma prática que está ligada a cultura, que, por sua vez, é transmitida através de heranças por parte dos antepassados sendo algo não dependente de fundamentos da religião afro-brasileira.

Diante dessas abordagens relatadas acima surge os seguintes questionamentos:

- Será que a relação da linguagem e hierarquia entre os pertencentes do terreiro Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê de Unzambe é algo obrigatório da religião afro-brasileira? ou existe formas semelhantes ao cotidiano deste grupo em especial, e ou, essa forma de comportamento é importante para que se haja um equilíbrio entre tudo e todos do terreiro?

Nesse caminho, tentaremos verificar os meandros da linguagem nas práticas sociais do terreiro e a dinâmica social a partir da hierarquia e ancestralidade.

6 HIPÓTESES

Com base nas leituras feitas anteriormente e nos conhecimentos adquiridos sobre o presente tema de trabalho, foram pensadas algumas hipóteses como tentativas de respostas provisórias dos questionamentos propostos:

- Supõe-se que a relação da linguagem e hierarquia é realizada por grupos religiosos de diferentes terreiros, na qual todos os fiéis da religião têm a obediência de sempre cumprir.

- Acredita-se que a linguagem e hierarquia é necessária para que se haja um bom funcionamento dentro do terreiro, no qual é importante que todos os membros estejam em harmonia no intuito de fortalecer a religião.

- Crê-se que o motivo da relação da linguagem e hierarquia entre os componentes do terreiro é algo relacionado por grande parte de pessoas que praticam a mesma religião, ou seja, adeptos que fazem parte a grupos que acompanham a religião afro-brasileira.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem e hierarquia no candomblé é um assunto que já vêm ao longo tempo sendo discutido por vários estudiosos e estudiosas com diferentes opiniões, mas vale destacar que, mesmo com esses levantamentos feitos, ainda existe algumas limitações nesta área de conhecimento, tendo em vista que as pesquisas sobre as religiões afro, na grande maioria, não

atentaram como se dá essa relação em um terreiro de candomblé; isto é, se elas são pertencentes aos fundamentos da religião afro-brasileira ou se tem relação aos hábitos ancestrais de alguns grupos existentes.

Diante disso, a pesquisa proposta se coloca a examinar como se dá essa relação entre os membros do terreiro, com a intenção de tentar explicar se elas são pertencentes a esse grupo em particular ou se possuem semelhanças com alguns grupos étnicos em São Francisco do Conde. No entanto, nota-se que há uma insuficiência de pesquisas que tentam compreender essa relação num terreiro de candomblé, principalmente no município em questão.

Nesse sentido, a fundamentação teórica desta pesquisa se apoiará nos autores Marcos Bagno, Odé Kileuy, Vera de Oxaguiã e também em alguns membros do terreiro como: a Yalaxé (Maria Valdelice), o Axogum (Luis Carlos), o Babalaxé (Leandro Luis) e a mãe de santo (Taniria).

O autor Marcos Bagno defende em sua obra intitulada “Língua, linguagem, linguista: pondo os pingos nos i i”, que a linguagem é uma característica natural que os seres humanos possuem; sendo assim um mecanismo de facilidades e de interações entre os mesmo, e esta possui, na sua condição espontânea, a característica de expor suas experiências de formas representativas, na tentativa de comunicações e na geração de conhecimento.

Partindo dessa análise do autor e das falas dos filhos de santo do terreiro, notou-se que a linguagem no terreiro Zaze Mavuluquê de unzambe nada mais são que transferências de indivíduos para outros indivíduos e, nesse caso de religião, essas transferências se deram principalmente através dos negros escravizados, com intuito de manter relações com seus companheiros afim de resgatar suas culturas e religiosidades.

A partir das observações feitas entre os falantes do terreiro cotidianamente, ficou bastante claro como a linguagem é empregada pelos membros que, na sua grande maioria, não sabem qual a origem correta dela, mas que conseguem ter entendimento sobre. Vale ressaltar algumas palavras como: “*Bajé*” – menstruação; em algumas cerimônias as mulheres não podem participarem se estiver nesse período –, “*Fundamento*” – segredo que se tem no interior do terreiro; este não pode ser revelado ao exterior do terreiro, e nem àqueles recém-iniciados na religião –, “*Rodante*” – filho de santo que foi contemplado pelo orixá como um instrumento para a sua vinda ao plano terrestre –, “*Omin*” – água e “*Lubaça*” – cebola.

Essa linguagem, no entanto, é conhecida entre os filhos do terreiro como a *língua de santo*, pois é um meio de comunicação e uma forma de integração entre todos os pertencentes da religião afro-brasileira, que também possui vocábulo específico de terreiro para terreiro.

Porém estes não deixam, de maneira alguma, o português que é falado no Brasil; pelo contrário, eles encaixam na rotina da casa.

Partindo agora para a hierarquia deste grupo em particular, os autores Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã defendem em seu livro “O candomblé bem explicado” (2009) que a hierarquia é algo que parte de experiências vivenciadas com o passar do tempo, e, para se entender como ela é exercida num terreiro, é preciso primeiramente compreendê-la numa perspectiva de graus em que esta precede sempre de caminhos percorridos dentro da religião. Essas análises dos autores assemelham-se com as narrativas dos membros pertencentes do terreiro, onde alguns acreditam que essa maneira de organização não isenta ninguém de qualquer tipo de tarefa; muito pelo contrário, ela é vista como divisão de lugares a serem ocupados.

Enfim, a hierarquia pode ser vista como uma preparação do ser humano na tentativa de conduzi-lo a manutenção do equilíbrio entre todos; esse também é impulsionado a trilhar caminhos para crescer dentro da religião, tanto como pessoa como filho de santo. Essa hierarquia permite que os membros do terreiro possuam o artifício do saber ritualístico, para que mais tarde os mesmos possam ajudar aqueles recém-iniciados, sendo esse caminho trilhado aos poucos e com muita responsabilidade.

Além disso, é importante ressaltar o histórico do terreiro; e, para isso, nós precisamos da ajuda do filho mais velho da casa que, por sua vez, é filho sanguíneo da então falecida Mãe Carlita, e nos contou um pouco como as coisas ocorriam quando era sua mãe era a zeladora.

O terreiro Alto da Pedreira Zaze Mavuluquê de Unzambe) foi fundado pela a *Yalorixá* Maria Valdelice do Nascimento – mais conhecida por todos como “Mãe Carlita” –, que foi iniciada na religião em 17 de abril de 1954, pelo *Babalorixá* Justiano, no distrito de Acupe (em Santo Amaro da Purificação). Mãe Carlita só entrou na religião por motivos de saúde. Ela não entendia o porquê das suas doenças constantes; então, ao perceber a situação da *Yalorixá*, sua amiga-irmã a levou para uma consulta no terreiro de pai Justiano, na tentativa de compreender o que ocorria com ela. Então, após a consulta, ficou constatado que ela tinha uma doença espiritual no qual o seu orixá estava querendo ser feito imediatamente. Então, o *babalorixá* a recolheu para que fosse providenciada a sua iniciação urgentemente, pois a sua vida dependia disso para que continuasse no mundo físico.

De início ela não aceitou muito bem, pois a mesma não acreditava na religião. No ano de 1960, no Alto do Ouro Negro (hoje conhecido como *Oiteiro*), ela deu início a seus trabalhos fazendo muitas caridades para ajudar a sua vizinhança, e, nesse mesmo ano, ela recolheu seu primeiro *Yaô*.

Anos depois, mudou-se para uma casa, localizada na rua Santa (n^o 74), para poder continuar os trabalhos e ampliar a sua ajuda à toda a sociedade franciscana. Em 1964, seu esposo Anísio (mais conhecido por todos como “Nizú”), comprou um grande terreno na rua Drena Dois, para a construção de um barracão; e assim, de início, foi feito um pequeno barracão de taipa, no qual foram iniciados outros filhos de santo. Foi nesse mesmo terreiro pequeno que a *Yalorixá* morou com seus filhos, tanto os de sangue quanto os de santo, por muitos anos.

8 METODOLOGIA

Com base em Minayo (2001) A metodologia consiste na trajetória do raciocínio e a técnica produzida na aproximação da vida. Entende-se então, que ela está localizada em um ambiente considerado centralizador no fundo das abordagens teóricas e assim está constantemente relacionada a elas.

Em conteúdo de aproximação, é importante declarar que o presente projeto se fundamenta em torno de uma pesquisa qualitativa. Na concepção de Minayo (2001) esse tipo de pesquisa atende a assuntos privados. E, sobretudo nas ciências sociais, ela tem a preocupação com um grau de existência que não consegue ser calculado. A partir dessa abordagem, a autora lida com um conjunto de interpretações, justificações, vontades, confianças, o que se assemelha a um local mais íntimo das junções, dos sistemas e dos fatos que não conseguem ser diminuídos à instrumentalização de variantes. Assim, é essencial porque um estudo qualitativo nos apoiará no andamento do nosso trabalho.

Já em relação aos objetivos, a pesquisa será de caráter explicativa, pois esta forma de pesquisa importa-se em reconhecer os motivos que indicam ou colaboram com acontecimentos dos fatos (GIL,2007). Sendo assim, esta forma de pesquisa esclarece o porquê dos acontecimentos mediante dos frutos dados. Ainda segundo Gil: a pesquisa explicativa é encarada como um seguimento de uma pesquisa descritiva, colocado que o reconhecimento de elementos que definem um acontecimento obriga que ele seja bastante explicado e rico em detalhes para que assim haja entendimento (GIL, 2007, p.43). Compreendemos que esta abordagem nos facilitará o desdobrar de uma maneira eficiente a nossa busca.

No que se refere aos procedimentos científicos para se obter a concretização do nosso trabalho, escolhemos a pesquisa bibliográfica auxiliada com a ida ao campo. Segundo a opinião de Fonseca “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já

analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32).

Já a pesquisa de campo, ainda na concepção de Fonseca (2002), configura-se por indagações onde, além do estudo das referências já publicadas ou documentadas, se dá principalmente dentro do ambiente em que o objeto será analisado. Então cremos que, aportados por esses dois vieses de pesquisa bibliográfica e de campo, supostamente conseguiremos obter esclarecimento sobre o estudo em investigação na tentativa de tentar responder à pergunta aqui levantada.

Vale ressaltar que a nossa pesquisa de campo será feita em São Francisco do Conde, na tentativa de conseguir informações legítimas sobre o assunto em questão. O desdobramento dessa fase da investigação passará por entrevistas semiestruturada com alguns membros da casa. Depois disso, realizaremos anotações em um diário de campo para que, após essa etapa, se efetue a análise dos dados.

Portanto, estes caminhos que citamos anteriormente servirão de percursos que iremos fazer, na tentativa de responder a indagação levantada no trabalho. Com base nisso, supõe-se que esta averiguação será bastante coerente e possível se forem levadas em conta as ferramentas que iremos usar para a realização dessa produção.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos, 1961- **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos i i/** Marcos Bagno. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRAGA, Júlio. **A cadeira de Ogã e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Pallas, 1999
- BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil:** contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Trad. Maria Eloísa Sapellato. et all. v. 1. São Paulo: Pioneira, 1960.
- CASTRO de, Yeda. **A influência de línguas africanas no português brasileiro.** Pp. 49-64, out. / dez. 1977. Disponível em: <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf> Acesso em 19/12/2018.
- FONSECA, J.J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONÇALVES SILVA, Wagner. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira,** São Paulo, Ática. 1994.
- KI- Zerbo, Joseph. **História da África Negra.** Lisboa: Publicação Europa – América, s/d. 2 v.
- LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra/** Nei Lopes. 1. reimp. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- KILEUY, Odé. OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2009.
- MINAYO, Maria de Souza (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo.** Sociedade e Estado, Brasília, V. 23 n. 2. P. 261- 279, maio/ago. 2008.
- OLIVEIRA, Eduardo. **A ancestralidade na encruzilhada.** Curitiba: Popular, 2007.
- PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A linguagem do candomblé.** Rio de Janeiro, Editora Livraria José Olímpio, 1989.
- PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** Revista USP, São Paulo, n^o 46 pp.52- 65, jun. /ago. 2000. Disponível em: [http://www.usp.br/revistausp/46/04- Reginaldo. pdf](http://www.usp.br/revistausp/46/04-Reginaldo.pdf)
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil/**Nina Rodrigues. São Paulo: Madras, 2008.

UMBELINO, Elizabete de Barros. **Línguas e linguagens nos candomblés de nação angola.** São Paulo, 2007.